

CARTOGRAFIA PARTICIPATIVA

# QUILOMBO DONA BILINA



**Passos de um  
museu andado**



## Os encantos de Dona Bilina

Como não retratar em versos  
A beleza deste lugar  
O quilombo Dona Bilina  
Dos rios de Prata  
Das cascatas e nascentes  
Desse castelo de águas  
Tanta coisa pra contar  
Da cachoeira do Engenho  
Vejo a cangalha dependurada no burrinho  
Carregadinha de caqui  
Caminho morro acima e olha o que vejo logo ali?  
O Jequitibá imponente  
Morada de todo o tipo de aves daqui  
Canta sabiá laranjeira  
Canta melro e canta juriti  
Ouço distante o bem-te-vi  
Prós lados do rio do saci  
Caminho, nos caminhos  
Dos Caboclos  
Da Batalha e Bela Vista  
Já a noitinha, avisto  
Toda a cidade iluminada  
Como é grande esse campo iluminado  
Aqui do alto vejo tudo dourado  
Tanta coisa bonita  
Que tenho pra te contar  
Do Quilombo Dona Bilina  
Da luta desse lugar  
Do caminho da cachoeira  
subindo em meio às bananeiras  
Da Candoca ao Lago Azul  
Caminho nas noites serenas  
Porque bem pertinho da cidade  
As mais belas paisagens,  
Das mais doces amizades  
Da cantoria e brincadeiras no portão  
Parece que tô no sertão  
No meio da mata virgem  
ouço o canto, ouço passos, ouço lendas  
Se assenta e vamos ouvir  
Dona Bilina falar  
com todo seu conhecimento.  
aprendam a escutar!  
ouçam a natureza!  
É ela que vai ensinar.  
Toda nossa ancestralidade,  
está neste lugar!

Leonídia Insfran de Oliveira Carvalho

## 1. UMA COMUNIDADE DE ORIGEM CAMPONESA

O Quilombo Dona Bilina está localizado na vertente norte do Maciço da Pedra Branca, região conhecida como Rio da Prata, no bairro de Campo Grande, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. O nome da comunidade é uma homenagem à Dona Bilina, parteira e rezadeira local. De acordo com seus familiares, ela morou na vertente da Virgem Maria após a Pedra do Carvalho bem próximo ao Pico da Pedra Branca, de onde raramente saía. Era amena e acolhedora na convivência com todos, uma preta velha com seus costumes de plantar guandu e batatas, fumar cachimbo, tomar café e cachaça, com seu marido. Seus netos e agregados lembram dela como Madrinha.

A história de Dona Bilina ecoa nos moradores do Rio da Prata. A origem rural da comunidade está vinculada às práticas agropecuárias que passaram por vários ciclos de exploração. Culturas de cana, laranja e mamão eram produzidas principalmente por portugueses que chegaram à região na década de 1920. Também teve grande importância na economia do Rio da Prata a produção de tomate, chuchu, abacate, manga, banana, caqui e hortaliças em geral.

Uma parte importante da história do Rio da Prata se conta a partir do Engenho do Cabuçu, propriedade de Úrsula Martins, viúva de Marcos Cardoso dos Santos, que era o maior da freguesia, com 87 escravizados em 1777 e 108 em 1797. De acordo com a pesquisadora Alice Franco, autora de: "Sertão Carioca, identidade e memória da comunidade agrícola do Rio da Prata", Úrsula era mãe de Anna Maria da Conceição e do Sargento-Mor Joaquim Cardoso dos Santos, que passou a administrá-lo a partir de 1811. Na década de 1870, a Fazenda Cabuçu já era uma importante produtora de café e aguardente.

A ocupação das terras de Campo Grande também é uma consequência do aumento populacional, bem como do desenvolvimento econômico da região de Santa Cruz, antiga propriedade jesuítica que posteriormente passou para as mãos do Estado português após a expulsão da Ordem dos territórios portugueses. Esta ocupação foi marcada pela coexistência entre grandes e pequenas propriedades rurais estabelecidas através do sistema de arrendamentos que abrigou a presença de um pequeno campesinato na



Dona Bilina.



região composto por negros e mestiços oriundos das relações interraciais estabelecidas entre agricultores e agricultoras da região, fossem eles pertencentes a condição escrava, livre ou alforriados. Em outras palavras, a presença de muitos lavradores pobres, agregados e mesmo libertos possuidores de pequenas parcelas de terras, possibilitou o desenvolvimento gradual de uma considerável comunidade camponesa.

A partir de meados do século XIX, a área começou a se adensar com a implantação, em 1878, da Estrada de Ferro D. Pedro II. Com as crises da cultura do café iniciadas no final do século XIX, a região se voltou para uma nova atividade: a citricultura. Desde os primeiros anos do século XX até os anos de 1940, os bairros de Campo Grande, Realengo, Guaratiba e Santa Cruz, estiveram entre os maiores produtores de laranjas do país. Deste conjunto de bairros, Campo Grande destacava-se entre os demais e assim, recebeu a alcunha de "Citrolândia".

O sucesso econômico advindo da agricultura consolidou a imagem da região como um "celeiro" do então Distrito Federal. Essa representação social foi fortalecida com o estabelecimento no bairro de Guaratiba da "Colônia Agrícola" e da "Granja de Criação da Prefeitura". A criação da Fazenda Modelo, do Matadouro Modelo e o estabelecimento das escolas rurais demonstram as intenções governamentais de institucionalizar a região como área rural da cidade do Rio de Janeiro.

O "ciclo da laranja" na Zona Oeste entrou em período de extrema decadência com o advento da Segunda Guerra Mundial, em virtude da dificuldade de escoamento da produção. Neste período, os laranjais foram infectados por pragas dizimando as plantações. As terras dos laranjais, desvalorizadas, foram postas à venda por preços irrisórios durante a década de 1950. A Zona Oeste perdia sua importância na fruticultura.

Na década de 60, a especulação imobiliária avançou sobre a região e a partir dos anos 1970, os produtores agrícolas que ainda resistiam em suas práticas produtivas, perderam ainda mais espaço para o parque industrial que se instalou nos bairros de Campo Grande



Agricultores da Agroprata

e Santa Cruz e em seu entorno. As águas do Maciço da Pedra Branca alimentaram as indústrias da região, a exemplo da Fábrica de Tecidos Bangu, cujos aquedutos subiram os morros. Nesta virada industrial, traços de urbanização se insinuaram em confronto com os remanescentes de uma cultura rural.

Em 1974 é fundado o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), uma unidade de conservação (UC) integral, abrangendo o Maciço da Pedra Branca a partir da cota dos 100 m (metros); incluindo assim parte dos territórios agrícolas do Rio da Prata, entre outros bairros. A sobreposição entre a UC e as áreas historicamente utilizadas e manejadas pelas comunidades agrícolas e tradicionais gerou conflitos decor-

rentes da insegurança jurídica no que tange ao acesso à terra.

Ao identificar que poderiam estar em risco não somente os saberes tradicionais de uso dos recursos naturais, mas também a identidade própria vinculada ao território, Rita Caseiro, então presidente da Agroprata, iniciou o processo de pesquisas sobre a região que levou ao reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares dos agricultores de Dona Bilina como remanescentes de comunidades quilombolas em outubro de 2017.

A comunidade ainda não iniciou o processo de regularização fundiária no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e, portanto, a terra não está demarcada, nem titularizada de forma coletiva, de acordo aos procedimentos do Decreto N. 4.887 de 2003, que protegem os territórios quilombolas, os tornando inalienáveis, imprescritíveis e impenhoráveis, uma vez titularizados em nome do coletivo. Os exercícios de mapeamento iniciados no âmbito do Projeto Sertão Carioca visam acumular insumos para que a comunidade possa dar continuidade a esse processo.

Nesta caminhada é importante destacar o trabalho da Associação dos Agricultores Orgânicos da Pedra Branca (Agroprata), uma das mais antigas do Rio de Janeiro. A Agroprata tem apoiado os esforços dos agricultores em implementar o cultivo orgânico e melhorar seus processos, contribuindo com a melhoria da questão ambiental na reorientação da produção agrícola.



Agricultores da Agroprata.



## 2. O ECOMUSEU QUILOMBO DONA BILINA

A proposta de um ecomuseu emerge para divulgar a potência do território nas suas relações históricas e contemporâneas, com o fim de abrigar os múltiplos patrimônios e seus significados. A partir de metodologias participativas e coletivas, ele se coloca como instrumento de transformação social no marco dos debates da Nova Museologia e da Museologia Social. Na proposta museográfica não há uma centralidade nem hierarquização dos espaços que, pelo contrário, atuam de forma complementar na construção de significados e narrativas próprias. Seu fluxo é contínuo como o dia a dia, mesclando referências, valores e significados.

Trata-se de um museu de território ou de um museu "andado" - nas palavras de Alice Franco, animadora do CIEP 165 Brigadeiro Sérgio Carvalho e integrante do Coletivo Cultural Rio da Prata -, porque é feito de costuras, de caminhos e conexões. É um museu que propõe movimento, diálogos e ações voltadas para este território.

Os roteiros cartografados nesta publicação são uma parte fundamental das ações que compõem a proposta de implementação de um ecomuseu em todas suas dimensões, contemplando tanto feições rurais quanto urbanas.

Ainda que o passado essencialmente rural tenha cedido espaço a novas configurações socioeconômicas urbanas, aspectos centrais da cultura rural sobrevivem. As raízes rurais da comunidade se apresentam e se materializam nos modos de vida, desde as festas típicas, como jogos e folguedos, até as lendas, práticas agrícolas e medicinas tradicionais. Esses elementos adaptados à realidade urbana se tornam suscetíveis de mapeamento e musealização.



## 3. MAPAS E MUSEUS

O surgimento de museus comunitários em territórios tradicionais é uma constatação cada vez mais recorrente. Tal como os mapas, essas ações museológicas são mobilizadas pelo reconhecimento identitário de comunidades tradicionais, sendo ao mesmo tempo um dinamizador de conhecimentos específicos e um instrumento político.

De forma semelhante ao que acontece com os mapas, a ideia clássica de museu está sendo questionada e seus novos sentidos estão sendo construídos coletivamente por grupos étnicos e camponeses. Se em outras circunstâncias o mapa tem levado à consolidação do museu, em Dona Bilina aconteceu o contrário, o museu levou ao mapa. É o museu que acaba colocando a localidade do Rio da Prata e o Quilombo Dona Bilina no mapa da cidade.

A proposta cartográfica, ainda iniciante para esta comunidade, colocou-se primeiramente à disposição do mapeamento dos roteiros construídos coletivamente para posteriormente, em uma possível segunda etapa, avançar no mapeamento do território dessa vertente do Maciço da Pedra Branca junto da Agroprata.

A montagem de outros tipos de museus deve ser compreendida pelos deslocamentos no significado de museu, que ao produzir coleções intrínsecas aos padrões culturais e experiências de vida locais se empenham num processo de afirmação identitária, sobre o qual os sujeitos consideram lugares relevantes de sua memória histórica, aqui mapeados geograficamente.

Mapa e museu se articulam na produção de uma autoconsciência e dos processos de autodefinição correspondentes às identidades coletivas. Em outras palavras, mapa e museu funcionam como uma sorte de prefixo para uma identidade social. Ecomuseu Quilombo Dona Bilina, seus roteiros e seus mapas são dispositivos que funcionam como um complemento das lutas pelo reconhecimento face à sociedade e ao Estado.

Esta aliança entre mapas e museu caminha para uma ruptura com o monopólio de classificações identitárias e uma inversão das lógicas territoriais produzidas historicamente pela sociedade colonial, mediante recenseamentos, cadastros, inventários, códigos e mapas feitos a partir do ponto vista externo. A questão já não é apenas estar no mapa e ser protagonista no museu, senão fazer o mapa e construir o museu.

Visita à Dona Dina, grão do Rio da Prata para organização do acervo patrimonial

## 4. ROTEIROS

A partir da indicação de lugares de memória, patrimônios materiais e imateriais, elementos da natureza, e outros lugares praticados pelos moradores, foram criados e idealizados pela comunidade em conjunto com a equipe de museologia, coordenada pela museóloga Julia Wagner Pereira, quatro percursos culturais. Diferentemente da trilha, o roteiro cultural consiste numa atividade museológica, patrimonial, pedagógica e de envolvimento com o território através da seleção dos pontos de memória. Ao identificá-los e divulgá-los nesta publicação, estamos tornando estes roteiros em acervos operacionais. Enquanto o mapa retém operações ligadas ao “ver” e conhecer a ordem do lugar, o percurso está ligado às operações de “andar”, ou seja, às ações espaciais. Desta forma, mapa e museu propõem duas ações que se complementam.

O roteiro é uma ação do museu, que desta forma apresenta a história da comunidade de agricultores, dada a partir daqueles pontos geográficos que entreteem patrimônio, natureza, agricultura, experiências de vida, crenças e vivências do lugar. Por tal motivo, os roteiros aqui apresentados são dinâmicos e ativos, podendo sofrer mudanças e alterações a todo momento, pois estão dentro de um território vivo e vinculado a significados e sentidos locais. Neste exercício entendemos que todo relato é uma prática de espaço e que todo mapa é a narração de um percurso.

Os roteiros que compõem esta publicação tem um caráter sócio-ecológico e acompanham a descrição das narrativas locais, das sequências comemorativas e das



modalidades próprias de uso dos recursos naturais e em cujos atos se encontram, de modo intrínseco, a percepção de categorias como tempo, história, memória, espaço, lugar e objetos. Esses percursos buscam referenciar os antigos moradores através da citação de seus nomes, seus ofícios e saberes ao longo do circuito. Desta forma, queremos fugir do tom totalizante instaurado nos mapas convencionais, que desvinculam das ações narrativas os sujeitos que produzem o espaço. Distanciamos-nos aqui das narrativas que apagam os sujeitos que passaram por aquele território, o transformaram e o continuam moldando. Incluir moradores nos roteiros busca valorizar suas trajetórias e também contribuir para a geração de renda local no marco da construção de turismo de base comunitária.

Os roteiros são uma sugestão de visitação, mas eles não são uma camisa de força; pelo contrário eles podem ser praticados de várias maneiras. De um lado, os roteiros podem misturar trajetos feitos a pé e de carro; e de outro oferecem a possibilidade de combinações entre eles, facilitadas pelas redes de caminhos que constroem a paisagem do Maciço da Pedra Branca. Sugerimos que os roteiros sejam praticados na companhia de condutores locais, são eles os que com seus conhecimentos poderão detalhar a riqueza que os trajetos oferecem e propor alternativas e atalhos de acordo às necessidades dos visitantes.

Todos os roteiros têm como ponto de partida e de chegada o Largo do Rio da Prata onde se localizam a Igreja Nossa Senhora das Dores, o coreto e a bica d'água e as Antigas Vendas. O Largo do Rio da Prata lembra uma pequena cidade do interior, com sua praça, igrejinha, coreto e bica (dois monumentos tombados pela prefeitura do Rio em 1996). Uma mirada atenta às fachadas de alguns dos restaurantes do Pólo Gastronômico do Rio da Prata permite identificar traços arquitetônicos e datas de construção que remetem a tempos em que essas edificações eram vendas e depósitos que atendiam aos agricultores, muitos dos quais só desciam do morro uma vez por mês para negociar as colheitas e fazer compras.

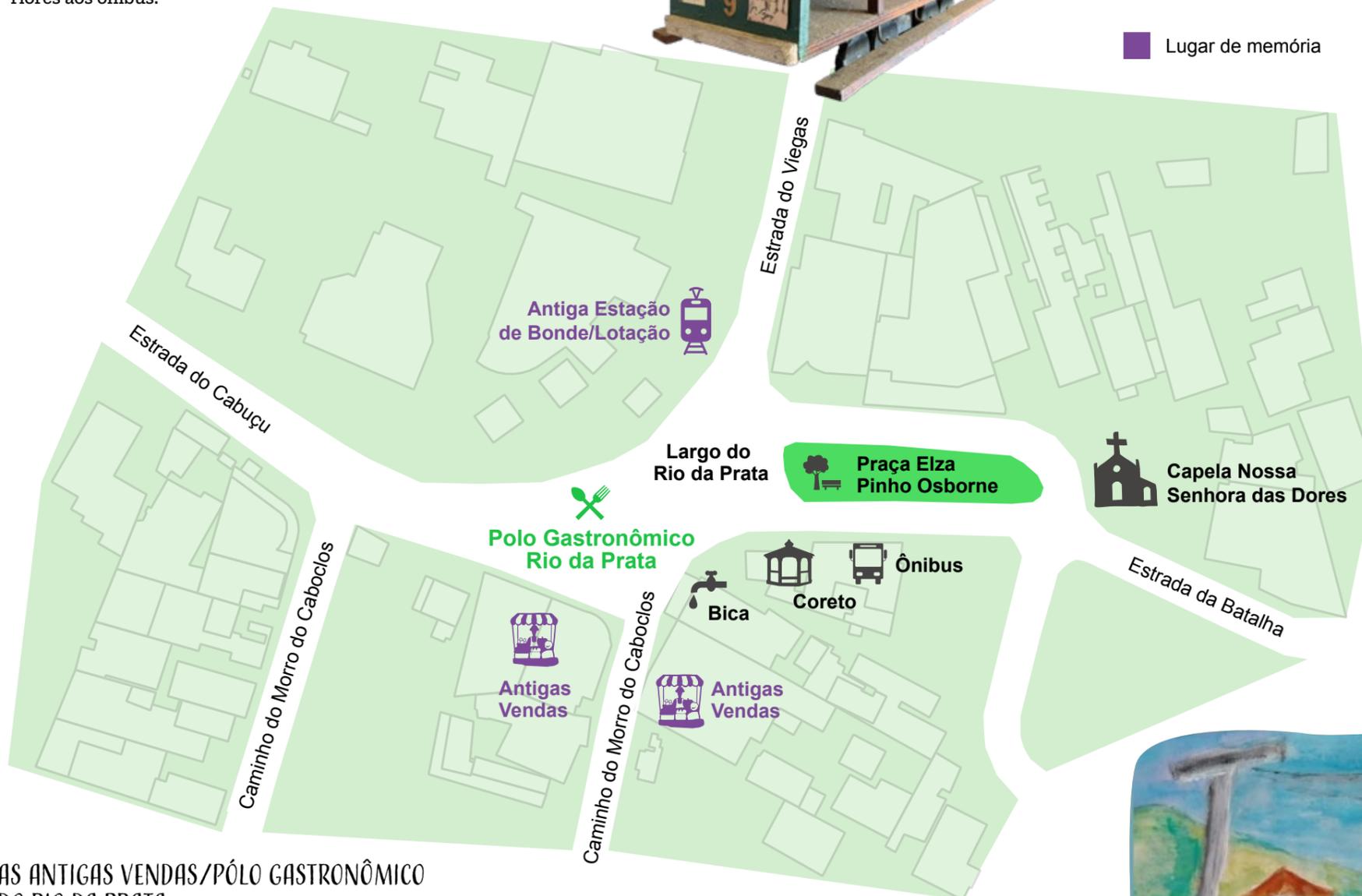


## BONDE E LOTAÇÃO

A praça também foi ponto final da linha de bonde do Rio da Prata, em funcionamento a partir de 1920, que era uma das linhas de Campo Grande. Inaugurado em 1894, o bonde em Campo Grande era puxado por burros e transportava capim para os burros de outras linhas, até a inauguração do serviço de passageiros em 1908, que funcionou até 1967. A partir das décadas de 1940 e 1950, o Rio da Prata começou a receber as "lotadas" ou lotações, veículos de transporte coletivo anteriores aos ônibus.



Maquete antigo bonde.  
Acervo Restaurante  
Chop da Vila



■ Lugar de memória

## IGREJA NOSSA SENHORA DAS DORES

Inaugurada em 1933, sob a responsabilidade da Igreja Nossa Senhora do Desterro, a Igreja Nossa Senhora das Dores é uma construção em estilo moderno decorada internamente com pinturas a óleo que mostram passagens da Bíblia feitas em 1960, por João Tercílio de Holanda. Entre os padres, cabe destacar a missão do Padre Lúcio Zorzi, que foi pároco da igreja entre 1978-2016, a qual foi marcante na comunidade por ter incentivado a relação da mesma com o meio ambiente, contribuído para soluções da sociedade como creches comunitárias.



## CORETO

O coreto é uma construção quadrangular com embasamento executado em concreto, revestido em argamassa e uma cobertura em telha francesa. O coreto era usado para bandas em festas da igreja Nossa Senhora das Dores.

## PRAÇA ENGENHEIRA ELZA PINHO OSBORNE

O Largo do Rio da Prata é um ponto histórico de referência local, cuja praça recebeu em 1958 o nome de Praça Engenheira Elza Pinho Osborne para homenagear a engenheira civil que foi fundamental para o desenvolvimento de Campo Grande. Na década de 1960, a engenheira, então administradora regional, pretendeu transformar a localidade do Rio da Prata na "Petrópolis Carioca", idealizando um hotel na Serra do Rio da Prata, que nunca saiu do papel. Sua atuação trouxe benefícios em infraestrutura e no campo das artes, a exemplo da construção do Teatro de Arena, posteriormente transformado em Lona Cultural Elza Osborne. A origem do núcleo urbano do Largo do Rio da Prata, iniciou com um pequeno centro de reunião de tropeiros, que se restringia a uma venda bem sortida, um verdadeiro bazar de gêneros, quinquilharias, instrumentos de lavoura e a dois barracões de depósito de banana, então monopolizada por um dos sitiantes da região que a revendia ao Mercado Municipal. Com a instalação da linha de bonde, ocorrida na década de 1920, esse núcleo tomou novo impulso, que se acentuou ainda mais com a criação de uma linha de auto-lotação.

## AS ANTIGAS VENDAS/PÓLO GASTRONÔMICO DO RIO DA PRATA

O atual Pólo Gastronômico do Rio da Prata foi fundado em 15 de Julho de 2015. Ele funciona nos locais das antigas vendas e depósitos que atendiam aos agricultores e demais moradores locais. Muitos agricultores só desciam do morro uma vez por mês para negociar as colheitas, fazer compras, tomar cachaça e encontrar amigos para participar das festas da Igreja de Nossa Senhora das Dores e dos leilões. Os produtos colhidos na serra eram levados em carroças até o Largo do Rio da Prata, onde eram embarcados nos caminhões que os transportavam até à Ceasa, em Irajá, e, também, para as feiras-livres, calçadão de Campo Grande e mercado de Madureira, onde eram comercializados.

## BICA D'ÁGUA

Uma peça francesa, composta por uma bacia em ferro fundido com azulejos, foi instalada na praça na década de 1930. A bica era originalmente utilizada para os tropeiros darem água para os animais que traziam as mercadorias dos morros para serem vendidas em feiras e mercados. Também foi importante para a distribuição de água para a população. O terreno utilizado para a construção do coreto e da bica d'água foi doado pelo lavrador José dos Santos Figueira, proprietário de terras agrícolas na estrada da Batalha, no Rio da Prata. Em 25 de outubro de 1996, o coreto e a bica d'água foram tombados pela prefeitura por constituírem marcos da paisagem local.



Bica, pintura  
por Carmen  
Paixão

## ROTEIRO 1 - MORRO DA BELA VISTA

Este roteiro é um percurso pelo Morro da Bela Vista, que como o próprio nome propõe, é um passeio para os olhos. A vista é bela ao longo de todo seu trajeto. Partindo da Igreja Nossa Senhora das Dores no Largo do Rio da Prata, se sobe a mão direita pela Estrada da Batalha. Na bifurcação deve se tomar a Rua Soldado Antônio da Silveira até a interseção com o Caminho do Vai Vem. Nesse ponto deve-se virar à direita para pegar a Estrada do Morro de Bela Vista que é transitável de carro até os primeiros metros. Os moradores usam motos e cavalos para subir, o visitante poderá continuar a pé a subida. Recomenda-se levar água, pois não há na trilha nascentes de água. A única loja de mantimentos "Parada da Bela Vista" está a 500 metros após o início do Caminho do Morro de Bela Vista. A subida é suave e não é muito íngreme.

A maior parte do caminho é descoberto e oferece poucas sombras, pois a vegetação predominantemente são gramíneas e pequenos arbustos de altura média como lantanas, araçás, quaresmeiras, camboatás, imbaúbas, feijão guandu e sabiás. No meio dos capinais é possível achar PANCS e ervas medicinais como erva de São Miguel, assa-peixe, marantá, crepe japonês, tra-poeraba, capim gordura, serralhinha e alface do brejo. Borboletas e pássaros como o gavião-pombo-pequeno e o anú-preto ou carrapateiro acompanham o andar. O caminho é tutelado por casas de posseiros.

Um dos pontos de interesse é a Capela de Santo Antônio (H=167M), 200 metros depois da "Parada da Bela Vista". O terreno utilizado para a construção da Capela foi doado pela lavradora Antônia Maria de

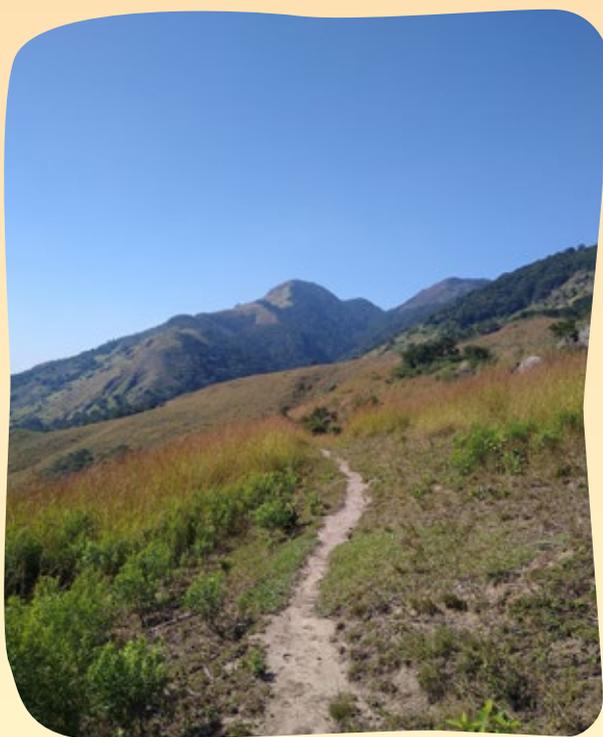


Pedra do Cruzeiro

Souza, moradora do morro, a serviço da comunidade. A pequena construção não tem mais de 50 anos. Seu espaço é usado para a celebração de missas, batismos e casamentos.

No percurso, o visitante terá acesso a vários mirantes como o que há perto da Casa de estuque (H=185M), localizada 80 metros depois da Capela de Santo Antônio. Poucos metros depois está a entrada do Rancho de Bela Vista, administrado por Diego. O rancho é um ponto de apoio para visitantes, que pode ser acionado mediante a equipe do Ecomuseu.

Duzentos metros depois encontra-se o Mirante da Antena (H=221M), mais uma oportunidade para apreciar a paisagem. Para continuar em direção à Pedra do Cruzeiro, é preciso tomar 100 metros após o Mirante da Antena, o lado direito da bifurcação que o caminho oferece. O caminho está bem delineado, mas há uma cerca de arame farpado e faz falta sinalização; é preciso precaução. Deste ponto, caminhando 350 metros



Caminho para Bangú visto do morro da antena



Capela de Santo Antonio

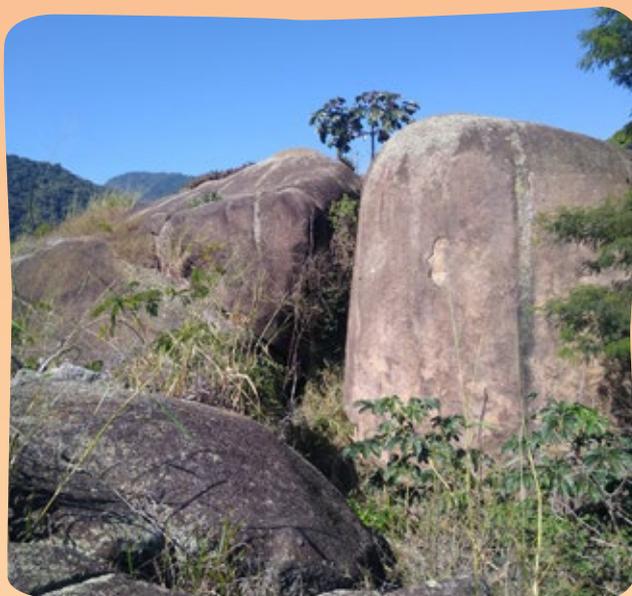


Casa de Estuque

chega-se à Pedra do Cruzeiro (H=287M). O Cruzeiro da Missão Popular foi fixado no alto da pedra pela Paróquia São João Evangelista.

A grande rocha granítica é um patrimônio natural e um mirante de 360° que permite avistar a Pedra do Carvalho, o Morro dos Caboclos no Maciço da Pedra Branca, os maciços da Costa Verde, o Maciço do Mendanha e os bairros de Rio da Prata, Campo Grande e Santa Cruz. A flora da rocha é diversa; encontram-se cactáceas, bromélias e pteridófitas e orquídeas, como a famosa sumaré do mato.

Para alguns, a Pedra do Cruzeiro pode ser o ponto final do roteiro da Bela Vista, mas para os mais aventureiros e interessados na geodiversidade do Maciço da Pedra Branca, sugerimos visitar o Morro da Antena (H=427M). É preciso retornar até a bifurcação e caminhar 500 metros até as antenas cravadas no bloco rochoso, o que pode significar 30 minutos mais de caminhada. Nesse ponto, é possível avistar a trilha que vai para Bangu. A volta é pelo mesmo caminho, e é bastante suave.



Morro da Antena



Vista para a Pedra do Carvalho desde o cruzeiro

**Distância:** Partindo e voltando ao Largo do Rio da Prata: 5.5 quilômetros até o Morro da Antena; 4 quilômetros até a Pedra do Cruzeiro

**Tempo Total:** 4 horas

**Altura máxima:** H=427M

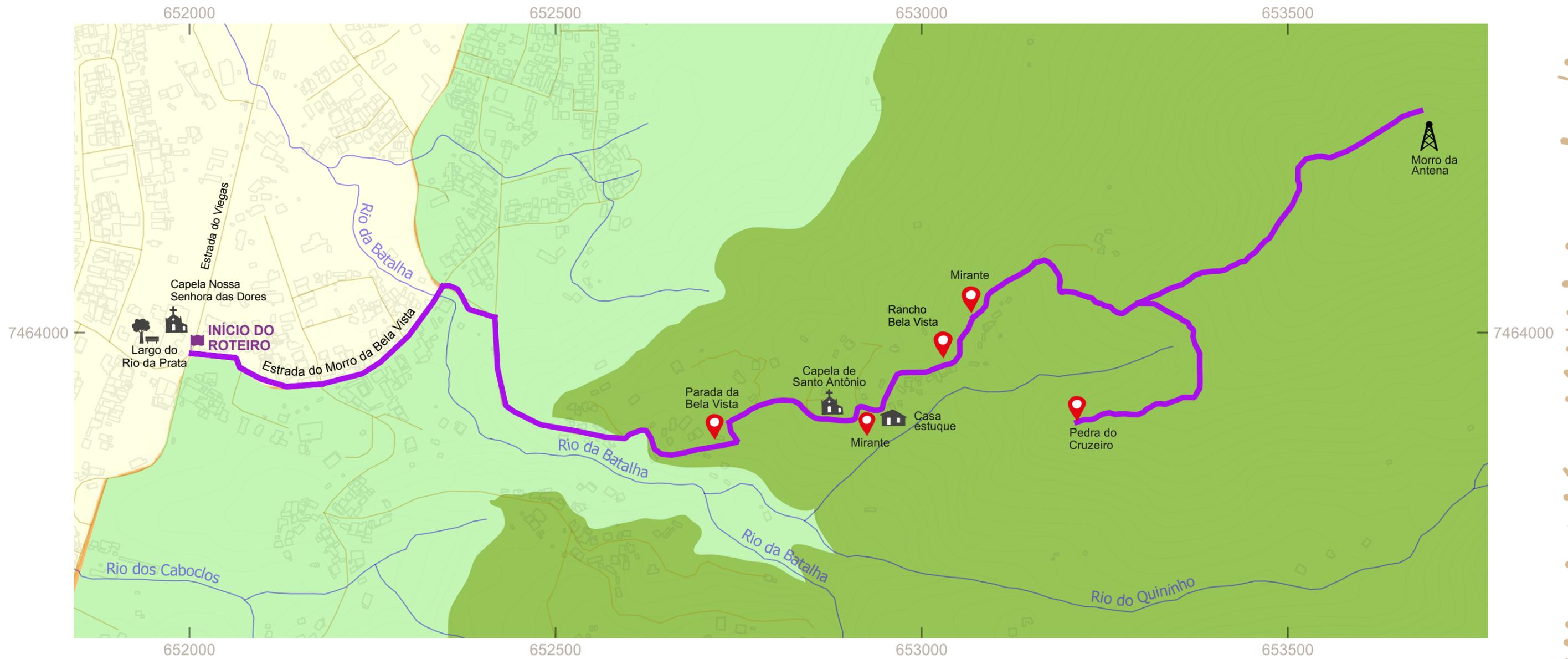
**Grau de Dificuldade:** Moderado

**Principais Pontos:**

- Largo do Rio da Prata
- Caminho da Bela Vista
- Parada da Bela Vista
- Capela de Santo Antônio
- Mirante próximo à Casa de Estuque
- Rancho Bela Vista
- Mirante da Antena
- Pedra do Cruzeiro
- Morro da Antena



Pedra do Cruzeiro



## ROTEIRO 1 - MORRO DA BELA VISTA

### LEGENDA

Início do Roteiro	Ruína	Arruamento
Ponto de interesse	Restaurante	Curso D'água
Igreja	Praça	Parque Estadual da Pedra Branca
Feira	Torre	Zona de Amortecimento
Casas	Roteiro	Área densamente edificada

### PONTOS DE INTERESSE

	Altitude aprox. (m)
Largo do Rio da Prata	39
Parada da Bela Vista	126
Capela de Santo Antônio	167
Mirante	182
Casa de estuque	184
Mirante da Antena	223
Pedra do Cruzeiro	275
Morro da Antena	452

### MAPA DE LOCALIZAÇÃO



## ROTEIRO 2 - HORTA COMUNITÁRIA E CIRCUITO DA CAIXA D'ÁGUA

Este percurso propõe uma visita ao circuito da Caixa D'água, passando pela horta comunitária do Quilombo Dona Bilina. A primeira parte desse trajeto pode ser feita de carro. Partindo do Lago do Rio da Prata se toma a Estrada do Viegas, uma rua tranquila onde ainda é possível apreciar diversos sítios que ainda preservam casas em meio de terreno, logo tomar a mão direita a rua Pissinguaba à mão direita até a Rua Soldado Antônio da Silveira - homenagem a um militar do exército português, Sargento-Mor, que prestou serviço na Fortaleza de São João Baptista no século XVIII, no Monte Brasil, na cidade de Angra do Heroísmo em Açores. Segue-se pela rua até a travessa Soldado Antônio da Silveira, também conhecida no passado como rua das lavadeiras que praticavam este ofício no rio Lameirão.

Essa pequena ruela de 400 metros é um acesso que adentra o então terreno da Candoca, uma das matriarcas da região, conhecida por ser proprietária de um armazém e campo de futebol, muito famoso das décadas de 1970, onde foram gravadas cenas do filme "Barão Grande Otelo". É nesse local, onde hoje Leonídia e Leila, bisnetas de Candoca, levam a cabo o projeto da horta comunitária. A partir da recuperação de saberes tradicionais no plantio de espécies comestíveis e medicinais, mulheres e homens são convocados para os mutirões necessários para sua manutenção e crescimento. Com o apoio do Projeto Sertão Carioca, a horta articula processos de educação ambiental, a produção de alimentos saudáveis e a geração de renda.

Voltando pela travessa até a Rua Soldado Antônio da Silveira segue-se para o leste. 600 metros depois está a casa de Dona Julia de Oliveira Castro, uma rezadeira tradicional de origem portuguesa muito conhecida. 400 metros depois encontra-se a Praça Cantinho Rio da Prata, onde está a Igreja São José Operário. Poucos metros depois está o ponto final das duas linhas de ônibus que servem a região, a 846 e a 847. Próximo ao ponto de ônibus temos também a casa de Dona Ziza, de família tradicional do local. Sua avó, Dona Elísia, possuía um famoso oratório e era irmã de Dona Bilina.

No início da subida para as cachoeiras encontra-se o Restaurante Taurus Artesanal-Grill da Roça. 300 metros depois encontra-se Nosso Quintal, um simpático ponto onde Débora Luiza serve café da manhã e apoia os visitantes da Sagrada Cachoeira. Há também nesse ponto um espaço para estacionar. É até este ponto que o roteiro pode ser feito em carro de passeio, a partir daí o percurso tem que ser feito a pé, bordando o curso do rio Lameirão. As partes mais frequentadas pelos visitantes são as Cachoeiras da Gina e da Candoca.

A 120 metros do Nosso Quintal aparece a Sagrada Cachoeira (H=78M), um local destinado à oferendas de religiões de matriz africana. Inaugurada em 2014, pela Secretaria de Estado do Ambiente - SEA, no marco do projeto Espaço Sagrado; a Sagrada Cachoeira se propõe oferecer um espaço seguro para os praticantes do Candomblé e da Umbanda, que provenientes de vários lugares do Rio de Janeiro, a visitam. A conciliação entre práticas ambientais e soluções sustentáveis e respeitadas é o lema deste lugar. Os administradores do espaço protegem as oferendas e as retiram de modo correto,



Grupo que cuida da Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina



Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina

conforme os preceitos sagrados contribuindo para a limpeza do local.

O trajeto de subida passa por diversas propriedades rurais, roças e áreas de cultivo de frutíferas como bananas e mangas. A trilha é bastante sombreada e vai bordeando o caminho do curso d'água do Lameirão, permitindo apreciar frondosas árvores, frutais e blocos rochosos. 600 metros após a Sagrada Cachoeira, um local de interesse é o Bar do Zezinho da Cachoeira (H=142M), o poço também é conhecido como Lago Verde. O bar é propriedade de Zezinho, de família tradicional da região, e dá acesso à cachoeira.

O próximo ponto de interesse é a Cachoeira da Gruta, também conhecida como Toca da Andorinha (H=195M), cujas águas provêm do riacho Virgem Maria. Para conquistá-la é preciso continuar a caminhar após o Bar do Zezinho por 400 metros até a bifurcação e tomar o lado direito e mais íngreme. É um poço adequado ao banho, onde se aprecia uma queda d'água, na qual a ação do tempo, esculpiu uma laje inclinada por onde a água escorre, cercada por dois grande blocos de pedra que apoiam um outro bloco rochoso que está acima, formando a Cachoeira da Gruta.

Para quem tiver mais fôlego propomos a visitaçao do Tanque das Pacas (H=277M) que se encontra a 750 metros da Cachoeira da Gruta. Esse ponto também é



Leonidia apresenta algumas ervas da Horta Comunitária

conhecido como Lagoa Azul. Esse trajeto acompanha, no primeiro momento, o percurso do riacho Virgem Maria passando por vários bambuzais; depois o caminho vai se distanciando do percurso do rio e começa um pequeno ascenso pelo morro que nessa parte tem perdido muito da sua vegetação originária. Por uns 400 metros o caminho se faz no meio de pastos e gramineas de alto porte e com forte exposição ao sol; não está demarcado, nem tem sinalização. Porém, desde a metade desse caminho já é possível avistar todo o vale da Caixa d'água e ouvir o barulho das águas correndo rio abaixo. Em breve o mato fechado volta aparecer e o som da água de faz mais forte guiando o descenso. A chegada ao Tanque das Pacas é anunciada pela presença das ruínas de imensas tubulações de ferro, que eram parte do antigo sistema de aquedutos, que no passado transportava grandes quantidades de água à, agora inexistente, fábrica de tecidos de Bangu (onde hoje é Bangu shopping). O Tanque das Pacas é formado por um bellissimo poço composto por grandes blocos de pedras, que lhe brindam profundidade às águas, mas com margem rasa, que o fazem ideal para um banho tranquilo e sem perigo.

**Distância:** Partindo e voltando ao Largo do Rio da Prata 10 quilômetros. Se a opção for só visitar as cachoeiras a partir do ponto final do ônibus 846 e a 847 a distância se reduz para 5 quilômetros ida e volta.

**Tempo Total:** 6 horas até a Caixa D'água. Esse tempo pode se encurtar se a caminhada começar no ponto final do ônibus 846 e a 847.

**Altura Máxima:** H=360M

**Grau de dificuldade:** Moderado a forte, dependendo do trajeto empreendido

**Principais pontos:**

- Largo do Rio da Prata
- Rua Soldado Antônio Da Silveira
- Travessa Antônio Da Silveira
- Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina
- Praça Cantinho Rio da Prata
- Taurus Artesanal Restaurante Grill da Roça
- Nosso Quintal
- Sagrada Cachoeira
- Bar e Cachoeira Do Zezinho / Lago Verde
- Cachoeira da Gruta / Toca da Andorinha
- Lagoa Azul/ Tanque das Pacas.
- Circuito da Caixa D'água



Dona Julia de Oliveira Castro, rezadeira e sua cunhada



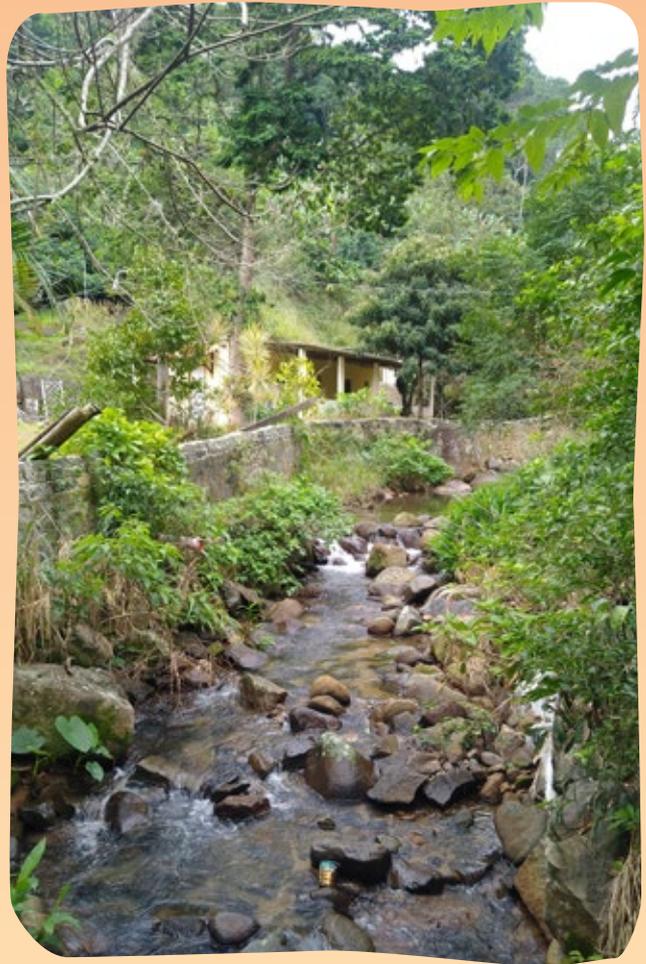
Igreja São José Operário

Continuando 650 metros após o Tanque das Pacas está o ponto final deste roteiro que é a Caixa D'água (H=360M), parte principal desse sistema de captação, composto por duas represas, um reservatório de pedras, calhas e tubulações de ferro fundidas. Ruínas do casebre onde ficavam os antigos funcionários da fábrica de tecidos que faziam a manutenção do grande tanque também são avistadas.

O Circuito da Caixa D'água é o principal curso d'água que alimenta o rio Lameirão, que atravessa a região, e também é uma reserva importante para o consumo de água potável. No percurso são apreciadas nascentes da Serra da Pedra do Ponto (Bangu), os cursos de águas que alimentam o Rio Rosário e tributários como o Riacho Virgem Maria, entre outros afluentes da Pedra Branca.



Tanque das Pacas



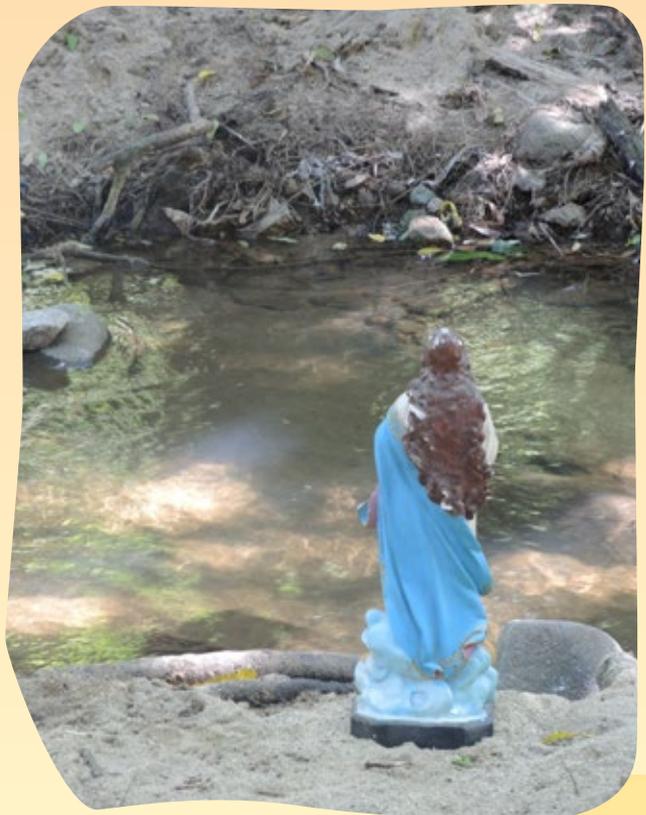
Rio Lameirão



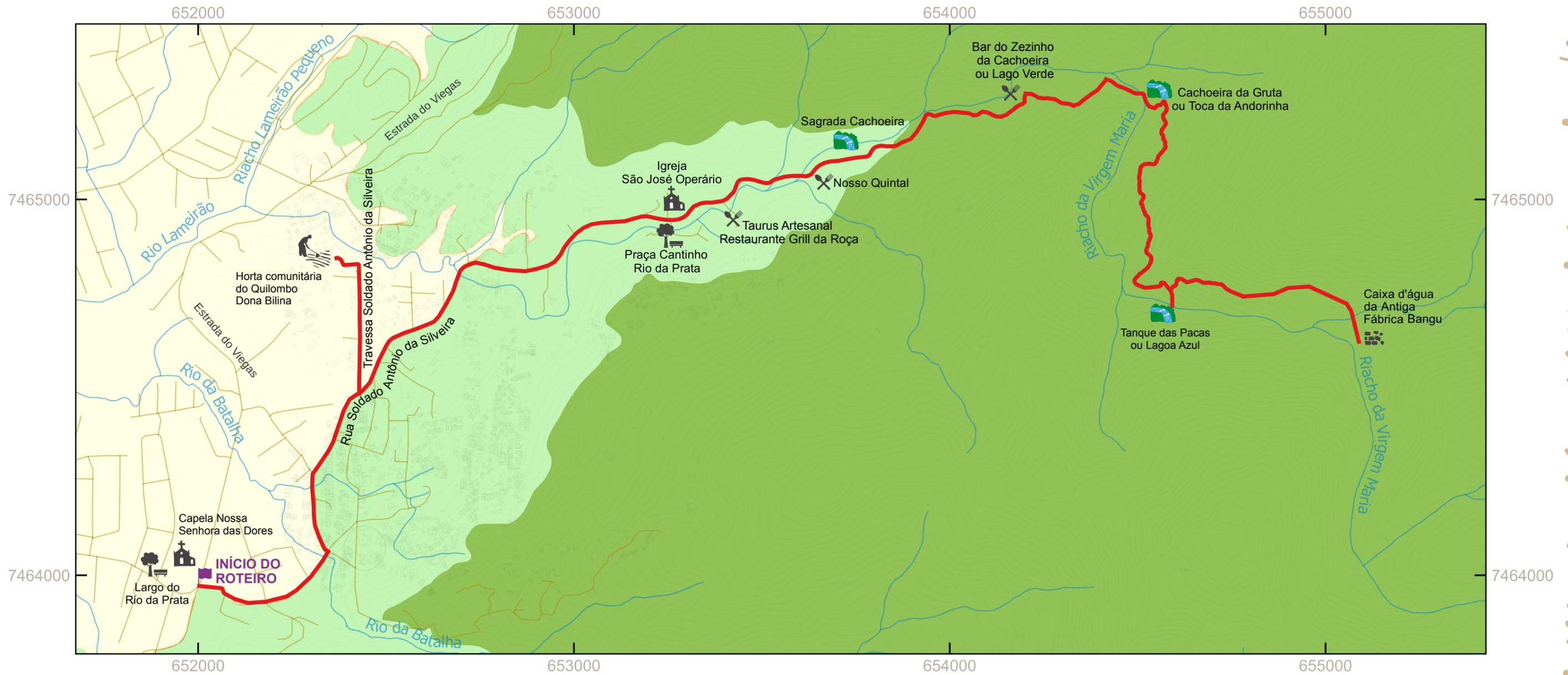
Ruínas do aqueduto Caixa d'água



Sagrada Cachoeira



Sagrada Cachoeira



## ROTEIRO 2 - HORTA COMUNITÁRIA E CIRCUITO DA CAIXA D'ÁGUA

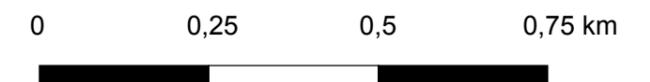
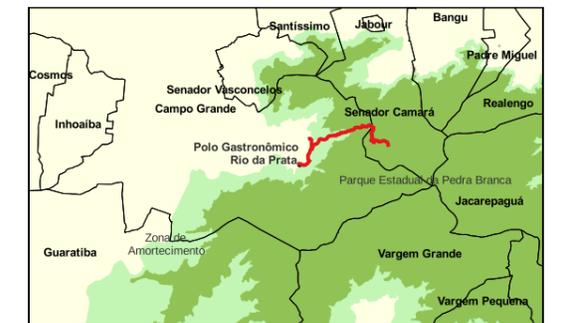
### LEGENDA

- |                    |             |                                 |
|--------------------|-------------|---------------------------------|
| Início do Roteiro  | Ruína       | Arruamento                      |
| Ponto de interesse | Restaurante | Curso D'água                    |
| Igreja             | Praça       | Parque Estadual da Pedra Branca |
| Feira              | Roteiro     | Zona de Amortecimento           |
| Casas              | Cachoeira   | Área densamente edificada       |
| Horta              |             |                                 |

### PONTOS DE INTERESSE

	Altitude aprox. (m)
Largo do Rio da Prata	39
Praça Cantinho Rio da Prata	52
Igreja São José Operário	54
Taurus Artesanal Restaurante Grill da Roça	66
Nosso Quintal	72
Sagrada Cachoeira	88
Bar do Zezinho da Cachoeira ou Lago Verde	145
Cachoeira da Gruta ou Toca da Andorinha	185
Poço das Pacas ou Lagoa Azul	276
Caixa d'água da Antiga Fábrica Bangu	359

### MAPA DE LOCALIZAÇÃO



### ROTEIRO 3 - MORRO DOS CABOCLÓS

Este roteiro é um convite para conhecer o Morro dos Caboclos. O caminho começa no Largo do Rio da Prata pela Estrada do Cabuçu tomando à mão esquerda a subida pelo Caminho do Morro dos Caboclos, que hoje em dia é uma rua asfaltada, o que significa que uma parte deste roteiro pode ser feita em veículo motorizado. A parte asfaltada é pouco sombreada e contorna pela direita o rio Cachoeira. Alguns pontos de interesse logo no início do caminho são o campo de futebol e a Praça do Morro dos Caboclos. Após um quilômetro e cem metros está a ruela onde vive Seu Aldair Gomes, agricultor tradicional do Rio da Prata, grande narrador e neto de Dona Bilina. Seu pai Toninho era um dos treze filhos de Dona Bilina e comandava um importante centro de umbanda, dedicado ao Caboclo Rompe Mato. Uma visita para conversa e café poderá ser agendada mediante a equipe do Ecomuseu.

Uns 50 metros acima, a rua oferece uma entrada para o famoso Caminho da Venda Velha. Conta-se que no passado havia uma venda de secos e molhados que tinha um alambique. A proposta é alcançar esse caminho no retorno, mas dependendo do interesse e do tempo disponível pode se acessar nesse primeiro momento. Continuando pelo Caminho do Morro dos Caboclos se avança 660 metros até a singela Capela Nossa Senhora Aparecida (H=234m). Na frente da capela está a Venda de Seu Eli Pereira Barbosa, um tradicional ponto mantido como nos velhos bons tempos.

Este ponto é parada obrigatória de trilheiros e ciclistas que aproveitam a vista para a realização de fotos e uma boa hidratação. Em frente à venda de seu Eli e ao lado da capela está o restaurante Mirante da Prata, atendido por Sílvio. Aos sábados e domingos é servida comida nordestina. O restaurante possui um terraço com possibilidades de uma vista imponente para os vales entre os Morros do Cabuçu, do Cedro e dos Caboclos com seus sítios e cultivos de banana.

Quem quiser continuar o roteiro a pé a partir deste ponto pode tomar o Caminho do Cedro, que se apresenta a 80 metros do Mirante da Prata, virando à es-



Venda de Seu Eli Pereira Barbosa

querda. É um caminho estreito de terra que passa pelos acessos a vários sítios rurais e, 900 metros depois, atravessa o Rio dos Caboclos. O Caminho do Cedro é leve e bem sombreado, com acesso a porteiras floridas e belas vistas. Percorridos 1.5 quilômetros desde o início do Caminho do Cedro se encontra a interseção com o Caminho da Venda Velha. Nesse ponto o visitante tem duas opções:

1) Virando a esquerda vai acompanhar o percurso do rio dos Caboclos que tem dois pontos interessantes, o Poço do Saci, para o qual não há consenso sobre a localização exata onde se encontra, e a Cachoeira da Represa, um lugar de captação de águas da Ceda, pelo qual não se recomenda tomar banho. Continuando por esse caminho é possível sair novamente no Caminho do Morro dos Caboclos.

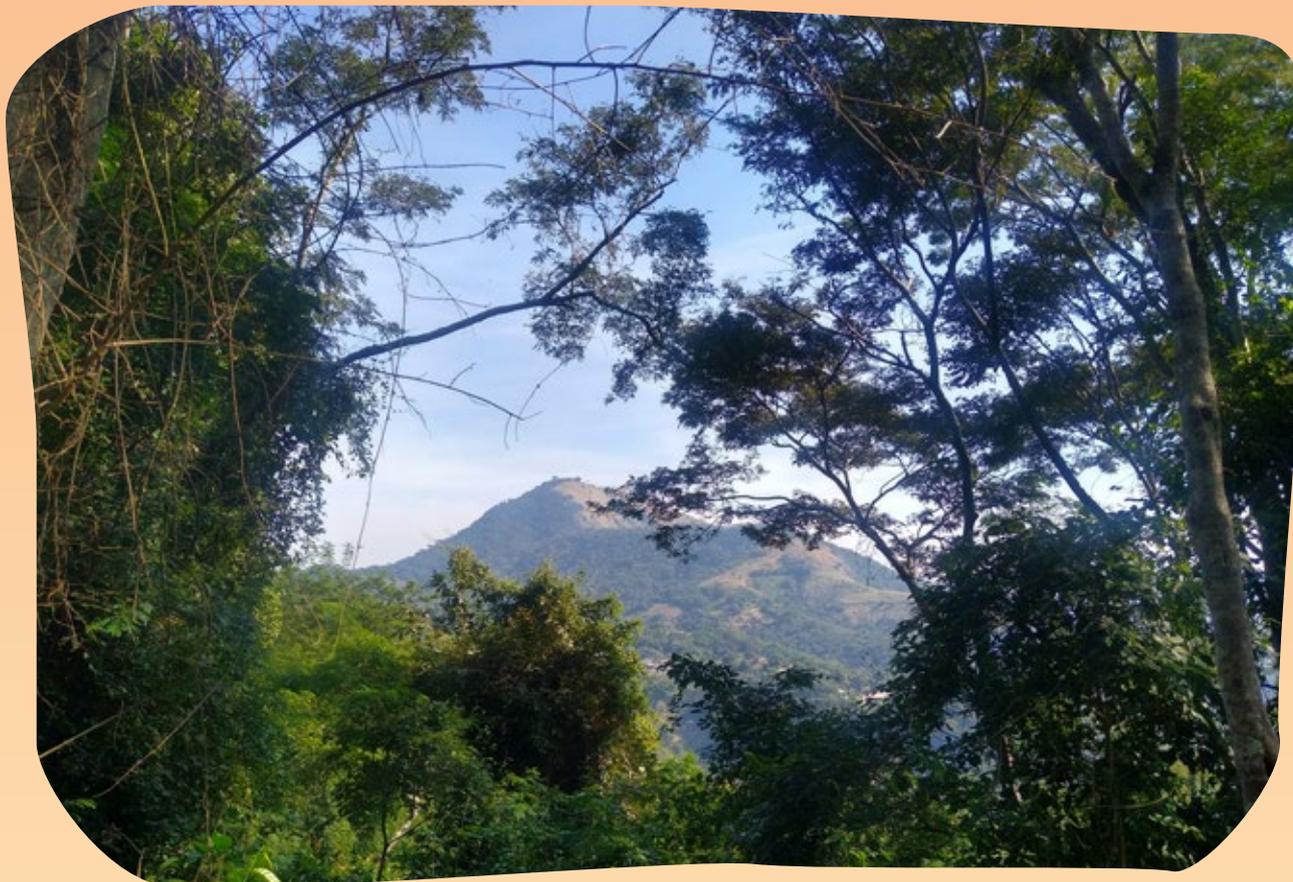
2) A outra possibilidade é voltar na direção contrária, recuperando a bifurcação onde o Caminho do Cedro se encontra com o Caminho da Venda Velha e seguir por



Caminho da Venda Velha



Capela Nossa Senhora Aparecida



Vista do Morro dos Caboclos desde Caminho do Cedro

**Distância total:** Partindo e voltando do Largo do Rio da Prata 6,5 quilômetros

**Tempo Total:** 5 horas. Podendo ser menos tempo se usar veículo até o Mirante da Prata.

**Altura Máxima:** H=283M  
(base do Morro do Cedro)

**Grau de dificuldade:** Moderado

**Principais Pontos:**

- Largo do Rio da Prata
- Caminho Morro dos Caboclos
- Casa de Seu Aldair
- Venda do Seu Eli
- Igreja Nossa Senhora Aparecida
- Restaurante Mirante da Prata
- Caminho do Cedro
- Caminho da Venda Velha
- Cachoeira da Represa
- Caminho das Furnas
- Largo da Batalha
- Espaço Farol da Prata – Fogão da Roça
- Estrada da Batalha

esse caminho à esquerda que 800 metros depois se conectará com o Caminho das Furnas. Decendo meio quilômetro pelo Caminho das Furnas que termina no Largo da Batalha, onde se pode visitar o Espaço Farol da Prata - Fogão da Roça. 800 metros depois estará novamente o Largo do Rio da Prata.

O tradicional restaurante oferece nos finais de semana e feriados um variado cardápio; e é famoso pelo seu tradicional café da roça: Uma homenagem a Alzerina Moreira Maia, mais conhecida como Dona Nonola, uma agricultora, líder comunitária, parteira e benzedeira. Aos domingos funciona a Feira Orgânica onde os agricultores da região vendem sua produção. 800 metros depois do Farol da Prata, o visitante encontrará novamente o Largo do Rio da Prata.



Vista para o Morro dos Caboclos

652000

653000

7464000

7464000

7463000

7463000

652000

653000

# ROTEIRO 3 - MORRO DOS CABOCLOS

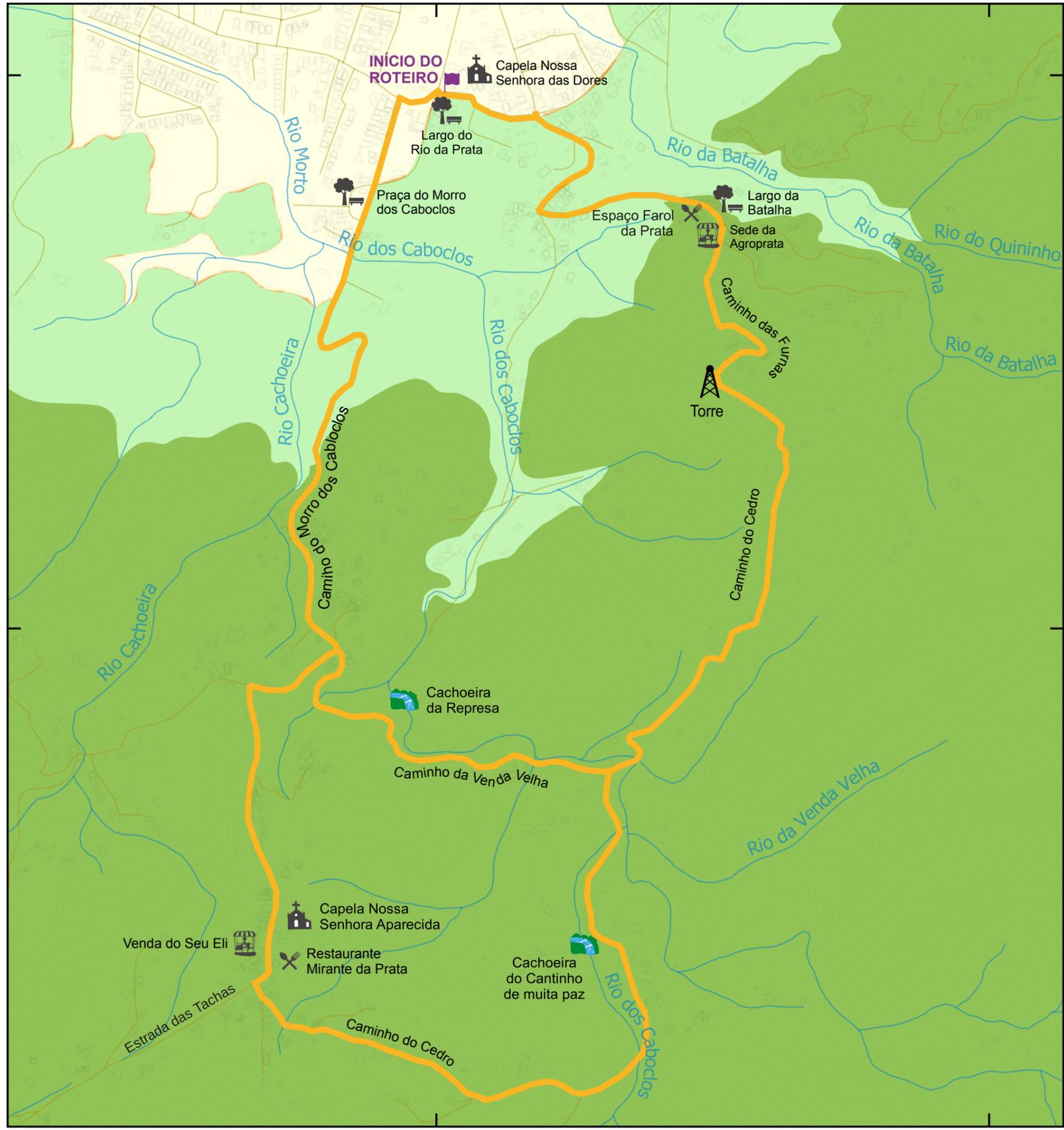
## MAPA DE LOCALIZAÇÃO



PONTOS DE INTERESSE	Altitude aprox. (m)
Praça do Morro dos Caboclos	37
Largo do Rio da Prata	39
Largo da Batalha	114
Sede da Agroprata	114
Cachoeira da Represa	119
Torre	189
Cachoeira do Cantinho de Muita Paz	198
Capela Nossa Senhora Aparecida	232
Mirante da Prata	234
Venda do Seu Eli	235

## LEGENDA

- Início do Roteiro
- Ponto de interesse
- Igreja
- Mercado
- Casas
- Restaurante
- Torre
- Praça
- Cachoeira
- Roteiro
- Arruamento
- Curso D'água
- Parque Estadual da Pedra Branca
- Zona de Amortecimento
- Área densamente edificada



## ROTEIRO 4 - JEQUITIBÁ CENTENÁRIO

Partindo do Largo do Rio da Prata se deve tomar a Estrada da Batalha por 700 metros até o Largo da Batalha onde se encontra uma desativada guarita do Posto Avançado do Rio da Prata do Parque Estadual da Pedra Branca- PEPB. Nesse ponto encontra-se o Espaço Farol da Prata - Fogão da Roça.

É possível ir de carro até o Espaço Farol da Prata; a partir daí o percurso deve seguir obrigatoriamente a pé em procura do Caminho das Furnas que começa em seguida, depois da entrada para o Caminho de Sacarrão. Uma torre de energia elétrica acompanha o início da primeira subida que é bem pronunciada. Após isso, o visitante encontrará sítios e chácaras. Bananais e caquizaís são tutelados pela imponência da Pedra do Carvalho.

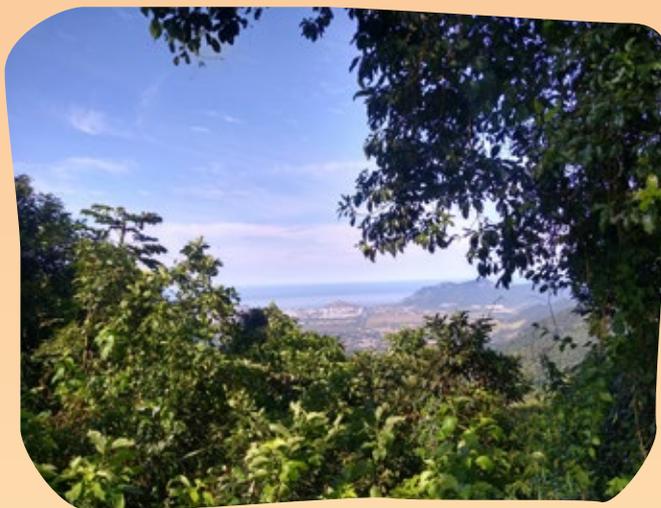
O caminho é parcialmente sombreado, transitado por cavalos, burros de carga e eventualmente por motociclistas. Um olhar atento descortina ruínas de construções antigas e também vestígios como os da Escola de Pedra, que foi a primeira escola do Rio da Prata, localizada no terreno do agricultor Serginho.

No caminho para a Cachoeira do Engenho (H=312M) que se encontra a 2.5 quilômetros do Espaço Farol da Prata podem se apreciar no meio da mata, formações rochosas como a Pedra do Índio, também conhecida como Pedra Furada. O banho é recomendado, mas a água é imprópria para beber. 280 metros depois encontramos o Jequitibá Centenário (H=4000M), uma importante referência local e biológica que pode chegar a medir mais de 50 metros de altura. Em língua tupi Jequitibá significa "gigante da floresta" e é considerada uma espécie clímax, de grande importância para o ecossistema como um todo. Pelo seu porte e coloração, a árvore pode ser avistada desde a Pedra do Cruzeiro.

Quem quiser se adentrar um pouco mais no Maciço da Pedra Branca pode continuar por mais um quilômetro até o Mirante da Mesa (H=571M). Existe a opção de passar pelo Pico do Morro dos Caboclos (H=588M), se tomar a mão direita na bifurcação que se encontra a 800 metros do Jequitibá Centenário. Um atalho para ir direto ao Mirante da Mesa se encontra na mesma bifurcação tomando a mão esquerda.

O Mirante da Mesa é um ponto de referência, divisa entre os bairros de Campo Grande e Vargem Grande, e um dos limites com o Quilombo Cafundá-Astrogilda. Desse ponto é possível avistar o bairro do Recreio e principalmente o Canal de Sernambetiba, também conhecido como o Canal do Rio Morto. O Mirante da Mesa é ponto para travessias para Vargem Grande e Vargem Pequena, Jacarepaguá, Pau da Fome, Casa Amarela e para o Pico da Pedra Branca (H=1025M), ponto mais alto da cidade do Rio de Janeiro.

Para retornar volte pelo mesmo caminho passando novamente pelo Jequitibá Centenário. Na descida bem pronunciada o visitante pode optar por tomar um atalho da Estrada da Pedra Branca que recebe o nome de Caminho do Sacarrão, no final dele encontra-se a sede da Agroprata.



Mirante da Mesa, vista para o Recreio

**Distância total:** Partindo e voltando do Largo do Rio da Prata: 8.5 quilômetros

**Tempo Total:** 5 horas para o circuito total a pé. Pode ser menos tempo se o destino final for o Jequitibá

**Altura Máxima:** H= 588M

**Grau de dificuldade:** Moderado-Forte, dependendo do trecho escolhido.

### Principais Pontos:

- Largo do Rio da Prata
- Subida pela Estrada da Batalha
- Espaço Farol da Prata - Fogão da Roça
- Caminho das Furnas
- Cachoeira do Engenho
- Jequitibá Centenário
- Pico do Morro dos Caboclos
- Mirante da Mesa
- Sede da Agroprata
- Largo da Batalha



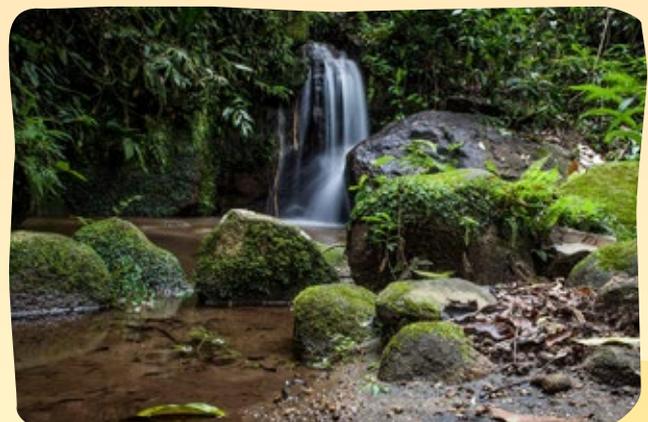
A casa de Sebastiana, a mais alta do Rio da Prata



Jequitibá Centenário



Caminho de Furnas, rumo ao Jequitibá



Cachoeira do Engenho



Cinara Gomes Furtado e Marquinhos de Lima Furtado



Burro Amendoim



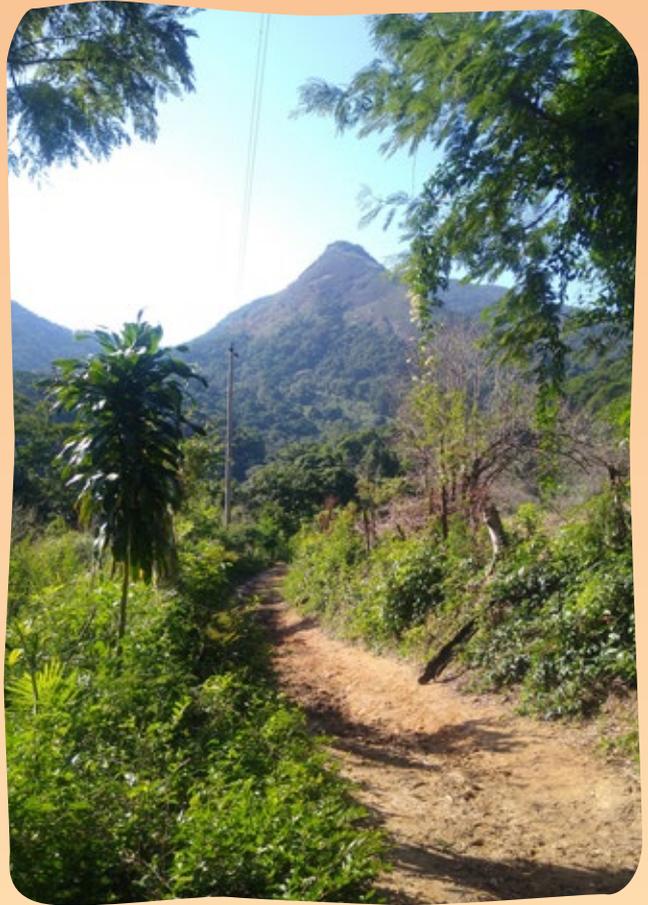
Pedra do Índio ou Pedra Furada



Ruínas da Escola de Pedra



Sonia Nascimento Feira Orgânica Agroprata



Pedra do Carvalho, Caminho das Furnas

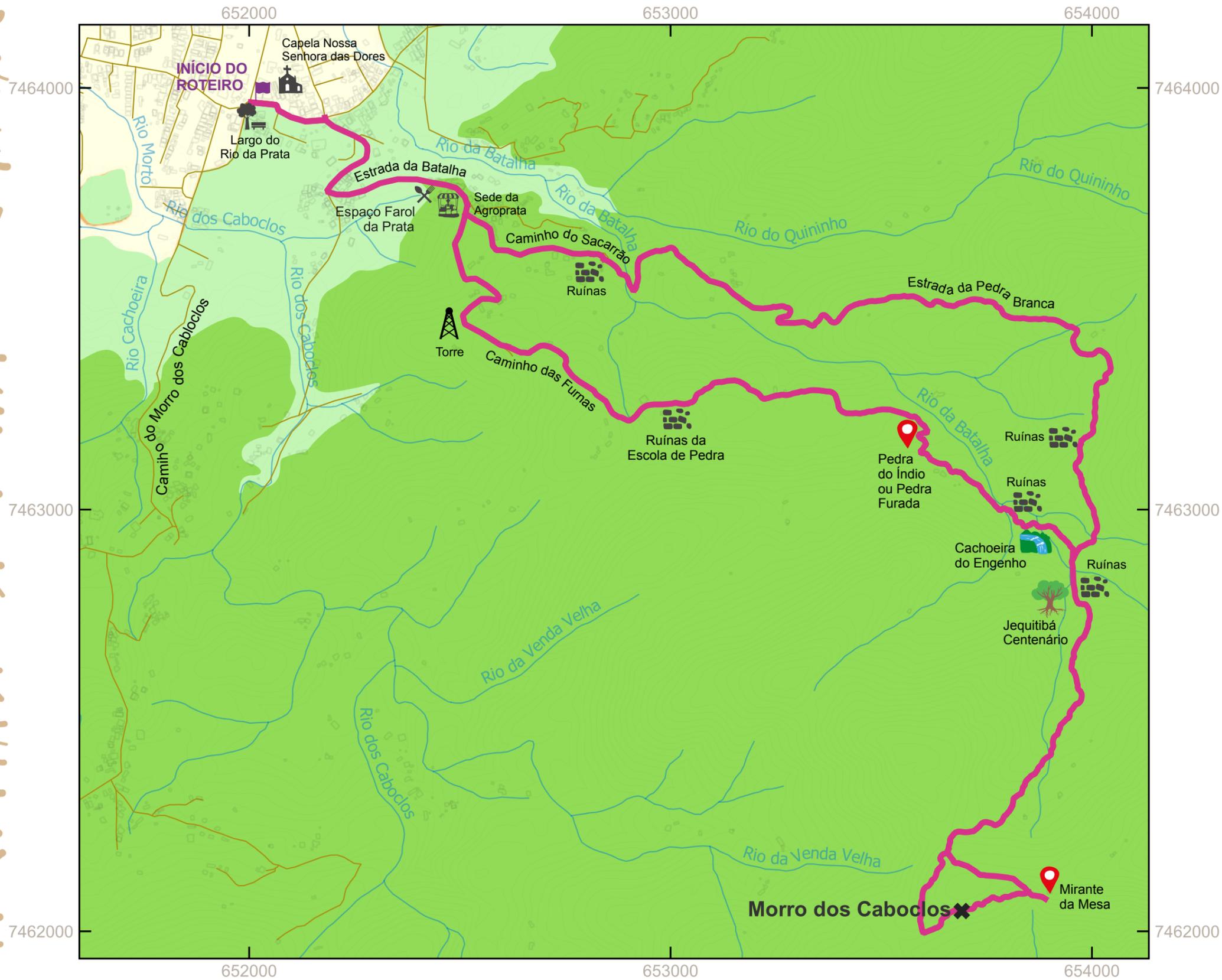


Paisagem do Caminho de Furnas



Tiana fazendo café

# ROTEIRO 4 - JEQUITIBÁ CENTENÁRIO



## MAPA DE LOCALIZAÇÃO



PONTOS DE INTERESSE	Altitude aprox. (m)
Largo do Rio da Prata	39
Ruínas	141
Torre	189
Ruína da Escola de Pedra	242
Pedra do Índio ou Pedra Furada	258
Ruínas	302
Cachoeira do Engenho	311
Ruínas	338
Ruínas	349
Jequitibá Centenário	369
Mirante de Mesa	573
Pico do Morro dos Caboclos	588

## LEGENDA

- Início do Roteiro
- Ponto de interesse
- Igreja
- Mercado
- Casas
- Restaurante
- Torre
- Praça
- Ruína
- Jequitibá
- Cachoeira
- Roteiro
- Arruamento
- Curso D'água
- Parque Estadual da Pedra Branca
- Zona de Amortecimento
- Área densamente edificada

## PARTICIPANTES

Adriano Insfran Gomes Paula, Alice Alves Franco, Aldair Gomes, Ana Maria dos Santos Pinto, Beatriz Gomes de Souza, Bruna Monteiro, Carmem Paixão, Caroline Rodrigues, Caroline Santana, Cássia Folha Branca, Charles Junior Simão, Cinara da Silva Gomes Furtado, Dona Deolinda, Dona Diná (Alexandrina Ribeiro), Edson Luis de Paiva, Seu Eli Barbosa, Estéfane Folha Branca, Evellyn Coimbra da Silva, Flávio Morais, Geovana Melo, Isabela Fonseca, Jéssica de Souza Pereira, Joaquim Evaristo de Oliveira (Seu Quincas), Dona Julia (Julia Oliveira de Castro), Julia Wagner Pereira, Juliana Gomes de Sousa, Julio Cesar de Souza Dória, Leila Insfran Carvalho, Leonídia Insfran de Oliveira Carvalho, Lissandra Vieira Azevedo, Marquinhos de Lima Furtado, Maria José Simão Celestino, Seu Máximo (Máximo Nunes de Oliveira), Dona Neuza Maria de Souza, Dona Ziza (Neuza de Abreu da Silva), Sabrina Alves Barbosa, Wenderson da Silva Porreca, Zezinho da Cachoeira

## EQUIPE EM CAMPO

Luz Stella Rodríguez Cáceres, Antropóloga e Coordenadora das Cartografias Participativas

Paulo Santos, Engenheiro Cartógrafo

Julia Wagner Pereira, Coordenadora de Museologia

Julio Cesar de Souza Dória, Bruna Monteiro, Isabela Fonseca, Equipe de Museologia

Caroline Santana, Coordenadora Eixo Sociocultural

Geovana Melo, Estagiária Eixo Sociocultural

Cinara da Silva Gomes Furtado, Marquinhos de Lima Furtado, Alice Alves Franco, Flavio Morais

## FOTOGRAFIA

Luz Stella Rodríguez Cáceres, Bruna Monteiro e Júlia Pereira

## TEXTO

Julia Wagner Pereira e Luz Stella Rodríguez Cáceres, com colaboração de Alice Alves Franco, Clara Trevia e Flavio Morais

## REVISÃO

Monique Ferreira

ISBN 978-65-89039-19-8

## ORGANIZAÇÃO

Julia Wagner Pereira, Luz Stella Rodríguez Cáceres, Cinara da Silva Gomes Furtado, Marquinhos de Lima Furtado, Alice Alves Franco, Flavio Morais, Adriano Insfran Gomes Paula, Leonídia Insfran de Oliveira Carvalho, Bruna Távora, Caroline Santana, Geovana Melo, Ingrid Pena e Pedro Biz.

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

Bruna Távora e Pedro Biz

## PROJETO GRÁFICO

Pedro Biz

## CONTATOS COM A COMUNIDADE

Instagram

@quilombodonabilina

Facebook:

Quilombo Dona Bilina

## FONTES DA CARTOGRAFIA

Base de Lougradouros: IPP

Limite Apa: IPP

Hidrografia: IPP

Edificações: IPP

Caminhos: Coleta por GPS de navegação

Contorno quilombo: Quilombolas de Vargem Grande

Imagens: Google Earth

Hidrografia, curva de nível, pontos cotados

- IBGE, roteiros, caminhos, lugares de memória

- Cartografia quilombola.

## Cultivar é Cultura

O mini-documentário Cultivar é Cultura foi realizado pela comunidade quilombola Dona Bilina, que fica no bairro de Campo Grande - zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Ele conta a histórias das rezas

e saberes das griôs do local. Foi realizado através de oficinas de educomunicação e museologia social pelo Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta em parceria com Instituto Permalab. Tem patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.





## REALIZAÇÃO



PROJETO  
**SERTÃO CARIOCA**  
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA



**AS·PTA**  
agricultura familiar e agroecologia



## PATROCÍNIO



**PETROBRAS**

ISBN 978-65-89039-16-7